

*Literatura Marginal e o Slam de
autoria feminina: as vozes
silenciadas e a expressão da
resistência para uma educação
crítico-reflexiva*

*Marginal Literature: The Silenced Voices and the
Expression of Resistance towards a Critical-reflexive
Education*

Eliane da Silva¹
Júlia Batista Alves²

1 Mestra em Literatura Comparada pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana. E-mail: elirodriguesedu@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-1662-3327>.

2 Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, UNESP. Professora do Magistério Superior na Universidade Federal da Integração Latino-Americana. E-mail: profe.julia.alves@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-6831-7388>

Resumo: Este artigo analisa o *Slam* feminino como ferramenta de resistência e expressão das mulheres periféricas, destacando seu papel na promoção de uma educação crítico-reflexiva. A pesquisa investiga como essa manifestação literária e performática, especialmente entre mulheres negras, aborda temas como racismo, machismo, desigualdade social e violência. O estudo propõe a integração do *Slam* feminino ao currículo escolar como forma de ampliar a visão dos estudantes sobre questões sociais negligenciadas. Além disso, destaca a importância da Literatura Marginal e do *Slam* feminino na formação de uma consciência crítica, desafiando estereótipos, promovendo o empoderamento feminino e fomentando o debate sobre gênero, raça, diversidade e inclusão.

Palavras-chave: literatura marginal; *slam* feminino; educação crítico-reflexiva.

Abstract: This article analyzes female slam as a tool of resistance and expression for peripheral women, highlighting its role in promoting a critical-reflexive education. The research investigates how this literary and performative manifestation, especially among black women, addresses issues such as racism, sexism, social inequality and violence. The study proposes the integration of female slam into the school curriculum as a way to broaden students' views on neglected social issues. In addition, it highlights the importance of marginal literature and female slam in the formation of critical consciousness, challenging stereotypes, promoting female empowerment and fostering debate on gender, race, diversity, and inclusion.

Keywords: marginal literature; women's slam; critical-reflexive education

Boitata, Londrina, 2024
Recebido em: 21/04/2024
Aceito em: 30/05/2024



Literatura Marginal e o *Slam* de autoria feminina: as vozes silenciadas e a expressão da resistência para uma educação crítico-reflexiva

Eliane da Silva
Júlia Batista Alves

Introdução

Dentro do contexto educacional, a Literatura Marginal oferece uma oportunidade ímpar para a formação de uma educação crítico-reflexiva, promovendo a consciência crítica sobre as estruturas de poder e os mecanismos de opressão que ainda persistem nas sociedades contemporâneas. Ao trazer à tona as questões sociais que muitas vezes são deixadas de lado no ensino tradicional, ela pode possibilitar que os estudantes – especialmente aqueles oriundos de contextos periféricos e marginalizados – reflitam sobre as injustiças sociais e sobre suas próprias posições em relação à sociedade. Ao compararem suas vivências com as histórias de vida de personagens que enfrentaram a violência, o preconceito e a marginalização, os estudantes podem, não apenas ampliar sua visão de mundo, mas, também, desenvolver empatia e uma postura crítica diante das pessoas.

A educação que integra a Literatura Marginal, portanto, não se limita ao conhecimento literário em si, mas atua como um agente formador de cidadãos mais conscientes e engajados com a realidade social. Como destaca Soares (2008), a leitura desses textos oferece aos alunos uma forma de reflexão que extrapola o conteúdo da obra, promovendo um debate de ideias e valores que estimula o questionamento das normas sociais pertinentes. Nesse sentido, a literatura periférica não é apenas diversificar o repertório literário dos estudantes, mas também se torna uma chave para a discussão de temas urgentes, como a desigualdade racial, a violência contra a mulher e o preconceito de classe. As narrativas marginais representam os indivíduos invisibilizados, ajudando a formar uma consciência coletiva mais crítica.

Além disso, ao incorporar uma Literatura Marginal nas práticas pedagógicas, os educadores são desafiados a compensar a estrutura curricular tradicional, muitas vezes centrada em obras de autores e visões históricas dominantes. A literatura periférica, ao trazer à tona as vivências e vozes das classes populares e marginalizadas, questiona as narrativas dominantes, promovendo uma visão mais ampla e plural do mundo. Esse processo de incorporação das obras periféricas permite que os alunos se vejam representados na literatura e, assim, possam fortalecer sua identidade, tanto pessoal quanto coletiva. Ao estimular a leitura crítica e reflexiva dessas obras, os estudantes não apenas podem passar a compreender melhor a realidade social e histórica que os cerca, como também podem ser capacitados para agir diante das injustiças e desigualdades que enfrentam.

O objetivo desta pesquisa é analisar a contribuição do *Slam* feminino como uma ferramenta de resistência e expressão para as mulheres das periferias, com foco na promoção de uma educação crítico-reflexiva nas escolas. A pesquisa visa investigar como o *Slam*, como manifestação literária e performática, pode ampliar a visão de mundo dos estudantes,



incentivando uma reflexão sobre questões sociais, raciais e de gênero. Além disso, busca compreender o impacto do *Slam* feminino na formação de uma consciência crítica nos alunos, ajudando a desconstruir estereótipos e a promover o empoderamento das mulheres, especialmente as mulheres negras, no enfrentamento do machismo e do racismo.

A metodologia adotada nesta pesquisa parte de uma abordagem qualitativa e se baseia em uma análise de textos literários do *Slam* feminino que busca compreender como essas expressões artísticas são apresentadas para a construção de uma educação crítico-reflexiva, promovendo discussões sobre as questões sociais, raciais e de gênero.

O referencial teórico da pesquisa se sustenta principalmente em autores que discutem a literatura marginal e periférica, como Soares (2008) e Souza (2014), que tratam da relevância dessa produção literária como uma forma de resistência e visibilidade das realidades marginalizadas. Também se fundamenta em teorias de educação crítica, com destaque para os estudos de Paulo Freire, que enfatizam a importância de uma educação que permita ao aluno refletir criticamente sobre sua realidade e a sociedade em que vive. Adicionalmente, recorre-se a estudos sobre o *Slam* como movimento de resistência e de empoderamento das mulheres, com base nas obras de autoras como D'Alva (2011) e Reis e Araujo (2021), que analisam o papel da performance poética no fortalecimento da identidade e da luta pelos direitos das mulheres periféricas. Dessa forma, a pesquisa também explora a potencialidade do *Slam* feminino como uma ferramenta educativa, cultural e social, capaz de fomentar discussões transformadoras em sala de aula.

1 A Literatura Marginal em foco

A Literatura Marginal surgiu no Brasil no final dos anos 1970, em meio a um contexto de ditadura militar e repressão política. Este movimento literário emergiu como uma forma de resistência e expressão artística das vozes marginalizadas e silenciadas na sociedade, como os moradores de favelas, prostitutas, travestis e presidiários. Ao contrário da Literatura *Mainstream*¹ predominante na época, caracterizada por sua abordagem conservadora, a Literatura Marginal “é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, isto é, de grande poder aquisitivo” (Ferréz, 2005, p. 12).

Os escritores marginais buscam desafiar os padrões estabelecidos, explorando temas considerados tabus pela sociedade, como drogas, sexualidade, violência e desigualdade social. Um dos principais expoentes desse movimento foi o escritor Ferréz, autor de *Capão Pecado* (2000), que retrata a vida na periferia de São Paulo, trazendo à tona uma realidade muitas vezes obscurecida. Outros nomes como Sérgio Vaz, Luiz Ruffato, Geni Guimarães e Ademir Assunção também se destacaram nesse cenário.

A Literatura Marginal ganhou impulso por meio de publicações independentes, como fanzines² e pequenas editoras, que desempenharam um papel crucial na disseminação desses

¹ Uma literatura que visa principalmente a publicação de best-sellers ou autores desconhecidos com grandes potenciais.

² Fanzine, ou simplesmente zine, constitui-se como uma publicação alternativa e artesanal que enfatiza a autoria, comumente financiada pelos próprios editores e distribuída de forma independente.



escritos. Além disso, o movimento promovia saraus e eventos literários em locais alternativos, como bares e centros culturais, oferecendo um espaço vital para os escritores marginais compartilharem suas obras e experiências.

A partir dos anos 2000, a Literatura Marginal começou a ser reconhecida e estudada no cenário literário nacional, encontrando espaço em universidades e escolas. Alguns autores conseguiram publicar suas obras em grandes editoras, ampliando seu alcance. Hoje, a Literatura Marginal continua relevante, mantendo sua natureza de resistência e denúncia das desigualdades sociais, e reafirmando a importância da diversidade de vozes e experiências na literatura brasileira, promovendo assim a inclusão social.

Este tipo de literatura é uma potente forma de romper com o silenciamento imposto aos marginalizados, representando aqueles cujas vozes são frequentemente abafadas e ignoradas. Aborda, conjuntamente com outros já destacados, temas como periferia, pobreza, marginalização, não conformidade, criminalidade e abuso, proporcionando uma visão das experiências e lutas diárias desses indivíduos periféricos.

Apesar disso, críticas surgiram em relação ao uso do termo "marginal" na literatura, destacando sua carga pejorativa e as restrições que impõe à compreensão e valorização das obras. Conceição Evaristo, renomada escritora e voz importante na discussão sobre a Literatura Brasileira, expressa preocupações sobre a categorização e marginalização literária, defendendo uma abordagem mais inclusiva e igualitária na apreciação e estudo dessas obras, principalmente ao que se refere a escrita da mulher negra na Literatura Marginal:

Em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que se pode evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere as “normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada (Evaristo, 2020, p. 3).

Na sua perspectiva, Evaristo (2020) ressalta a importância de que as obras produzidas por autores negros sejam plenamente reconhecidas e integradas ao cenário literário nacional, sem serem limitadas por categorias que possam reduzir sua relevância e impacto. Ela advoga por uma abordagem mais inclusiva e equitativa na análise e no estudo da Literatura Brasileira, assegurando que todas as vozes sejam valorizadas e ouvidas. Além disso, ela aponta que o uso do termo "marginal" pode limitar a compreensão da vasta riqueza e diversidade encontrada nessas produções, levando à simplificação e estereotipagem de narrativas autênticas e complexas.

Nesse sentido, ainda que a Literatura Marginal se destaque como um movimento literário que busca dar voz às margens da sociedade e dar visibilidade a questões sociais e culturais, é importante reivindicar seu status de Literatura Brasileira, em primeiro lugar, evitando-se, assim, sua subcategorização e conseqüente inferiorização a partir do que se considera literatura nacional de prestígio.

Tanto Conceição Evaristo quanto Carolina Maria de Jesus, ambas mencionadas anteriormente, são consideradas como expressões máximas da Literatura Marginal no Brasil



e, atualmente, gozam de prestígio e reconhecimento no meio literário, acadêmico, nacional e internacional, embora durante algum tempo, nem sempre tenha sido assim.

Carolina Maria de Jesus, pioneira da literatura marginal no Brasil, é autora do livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960), obra em que relata sua vida na favela do Canindé, em São Paulo, abordando a pobreza, a discriminação racial e a falta de oportunidades. A sua escrita foi marcada pelo seu compromisso com questões sociais, especialmente a denúncia das condições precárias de vida das favelas e a luta contra a fome e a miséria. *Quarto de Despejo* é um documento histórico relevante que oferece uma visão única da vida nas favelas brasileiras na década de 1950 e início dos anos 1960. É uma fonte valiosa para o estudo da história social e cultural do Brasil. Carolina Maria de Jesus abriu caminho para que outros autores e autoras de contextos marginalizados no Brasil encontrassem espaço para contar suas histórias e perspectivas. Ela é um símbolo de resiliência e perseverança na Literatura Brasileira. Seu trabalho continua a ser estudado e valorizado como um testemunho poderoso das realidades enfrentadas pelas pessoas nas margens da sociedade brasileira. Em 2021 ganhou o título póstumo de *Doutora Honoris Causa*, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Conceição Evaristo, por sua vez, é uma das mais renomadas escritoras da Literatura Marginal Brasileira (embora prefira, como apresentado anteriormente, classificar-se como Literatura Brasileira). As suas obras frequentemente abordam temas como racismo, feminismo e desigualdade social. Algumas delas são: *Ponciá Vicêncio* (2003), *Olhos d'Água* (2014), *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) e *Becos da Memória* (2006). Sua produção literária desempenha um papel significativo na formação da cultura brasileira. Com isso, ganhou diversos prêmios como o *Prêmio Jabuti de Literatura* (2015), *Faz a Diferença - Categoria Prosa* (2017), *Prêmio Cláudia - Categoria Cultura* (2017), *Prêmio de Literatura do Governo do Estado de Minas Gerais* (2017) e *Prêmio Bravo* (2017). Todo esse impacto foi reconhecido quando recebeu o prestigioso título de *Personalidade Literária do Ano* no *Prêmio Jabuti* em 2019. Devido a sua conexão intrínseca com a vida cotidiana e as experiências pessoais e coletivas de seu povo, Conceição cunhou o termo "escrevivência" para descrever sua abordagem literária, que surge das experiências do dia a dia, dos eventos comuns, carregados de memórias pessoais e coletivas de sua comunidade, especialmente das mulheres negras.

As escrevivências de mulheres negras, que carregam em si marcas de opressões de raça, gênero e classe de maneira interseccional, podem ser observadas de modo particular no *Slam*, uma das manifestações contemporâneas da Literatura Marginal e sobre o qual trataremos a seguir.

2 O *Slam* como expressão da Literatura Marginal

No Brasil o movimento de *Slam* teve início na década de 2000, seguindo a inspiração do movimento de *Slam Poetry*, que se originou nos Estados Unidos na década de 1980. O termo *Slam* é uma abreviação de *Slam Poetry*, que é uma forma de poesia falada competitiva em que poetas apresentam seus poemas em público e são avaliados por um grupo de jurados ou pela plateia. A palavra "*slam*" é uma onomatopeia do inglês que representa o som de uma batida de porta ou janela. Conforme destacado pela pesquisadora Cyntia Neves (2017), ela é



equivalente ao termo "pá!" na língua portuguesa. A expressão foi adotada por Marc Kelly Smith, poeta e trabalhador da construção civil, para nomear o *Uptown Poetry Slam*, um evento poético que ele iniciou em 1984, na cidade de Chicago.

Neves (2017) também destaca que o termo *slam* é utilizado para se referir às finais de torneios de diversos esportes, como baseball, tênis, bridge, basquete, entre outros. A partir dessa associação, Marc Kelly Smith nomeou os campeonatos de performances poéticas que organizava. Nessas competições, os *slammers* (poetas) eram avaliados com notas pelo público presente. Inicialmente, esses eventos ocorreram em um bar de *jazz* em Chicago, mas posteriormente se expandiram para as periferias da cidade. Essa iniciativa se espalhou para outras cidades dos Estados Unidos e, eventualmente, ganhou projeção mundial.

Devido ao fato de o *slam* se desenvolver predominantemente em ambientes urbanos, ele está intrinsecamente ligado às atividades urbanas de interação social. Isso faz com que seja frequentemente associado à cultura do *Hip-Hop* e, embora se manifeste de maneira distinta, compartilha bases muito semelhantes. Uma definição desse movimento pode ser encontrada nas palavras de Roberta Estrela D'Alva, escritora e *slammer*, quando ela afirma que

Poderíamos definir o *poetry slam*, ou simplesmente *slam*, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo mundo (D'Alva, 2011, p. 109).

No Brasil, o *Slam* começou a ganhar força como uma forma de expressão artística e uma ferramenta de engajamento social. A primeira edição do *Slam BR*, o Campeonato Brasileiro de *Slam*, aconteceu em 2008 na cidade do Rio de Janeiro. Esse evento reuniu poetas de várias partes do país e marcou um ponto de partida importante para a difusão do *Slam Poetry* no Brasil. O *Slam BR* ajudou a estabelecer as regras e os princípios do *Slam* no país, bem como a criar uma rede de poetas e entusiastas (Alves; Souza, 2020).

Segundo Alves (2020), a cena de *Slam* no Brasil tem crescido substancialmente com a realização de inúmeros campeonatos, eventos e saraus de poesia em todo o país. Muitas cidades brasileiras têm suas próprias cenas de *Slam* e os poetas que participam desses eventos abordam uma variedade de temas, incluindo questões sociais, políticas, raciais e de gênero. Nesse sentido, o *Slam* também tem sido um meio importante para que a voz dos grupos marginalizados possa ecoar e se fazer escutar, bem como para a promoção da diversidade. Além disso, o movimento de *Slam* tem sido utilizado como uma ferramenta educacional, sendo adotado em escolas e universidades como uma maneira de estimular a expressão artística e o debate sobre questões sociais.

Em suma, o *Slam Poetry* no Brasil é um movimento relativamente recente, mas tem crescido de forma significativa, contribuindo para a cena literária e cultural do país e proporcionando um espaço para vozes diversas e engajadas.



3 Vozes femininas na Literatura Marginal: as mulheres do *Slam*

As autoras desse movimento literário frequentemente vêm de contextos sociais e econômicos desfavorecidos, o que influencia profundamente sua escrita. Elas abordam questões relacionadas à pobreza, discriminação racial, sexismo, e outros desafios enfrentados em suas comunidades (Neves, 2017). A Literatura Marginal feminina traz questões sociais, políticas e culturais, como desigualdade de gênero, violência doméstica, racismo, exclusão social e a luta por direitos humanos. Ela tem um caráter fortemente engajado e crítico. As autoras desafiam estereótipos de gênero e raça, frequentemente apresentando protagonistas femininas fortes e independentes (Reis; Araujo, 2021).

A Literatura Marginal feita por mulheres, assim como o movimento mais amplo da Literatura Marginal, desafia as normas literárias tradicionais e busca visibilizar as experiências das mulheres marginalizadas, contribuindo para um diálogo crítico e inclusivo sobre a sociedade e a cultura.

O movimento de *Slam* feminino no Brasil, e em particular na cidade de São Paulo, teve seu início nos anos 2010. Embora não haja uma data específica que possa ser atribuída ao nascimento do *Slam* feminino, a presença e o destaque de poetisas femininas em eventos de *Slam* e poesia falada cresceram substancialmente nessa década. As feministas marginais ou *Slammers*³ femininas são mulheres que participam de batalhas de poesia falada ou *Slam Poetry*. O *Slam* é uma forma de expressão artística que mistura poesia, performance e teatro, em que os participantes declamam seus textos de forma intensa e emocional (Reis; Araujo, 2021). Essas mulheres têm se destacado como vozes potentes e críticas na luta por direitos das mulheres e igualdade de gênero. Elas abordam temas como machismo, violência contra a mulher, empoderamento feminino e resgate da autoestima, utilizando a poesia como forma de resistência e transformação social. Muitas vezes, elas se apresentam em espaços alternativos e periféricos na cidade, levando suas mensagens e poesias para públicos diversos.

Mulheres poetisas em São Paulo e em outras partes do Brasil passaram a se destacar e a criar espaços onde podiam compartilhar suas vozes, experiências e perspectivas por meio do *Slam Poetry*. Isso contribuiu para uma maior visibilidade das questões de gênero, feminismo e empoderamento feminino na cena de *Slam* no país. Eventos de *Slam* dedicados exclusivamente às mulheres, bem como competições de *Slam* que enfatizam a participação feminina, tornaram-se mais comuns, proporcionando um espaço importante para as poetisas femininas compartilharem suas criações e discutirem temas que lhes são pertinentes.

Portanto, o movimento do *Slam* feminino em São Paulo e no Brasil como um todo tem crescido nas últimas décadas e continua a evoluir como um meio poderoso para a expressão artística e à promoção de questões de gênero e igualdade. Além disso, essas mulheres também participam de competições e eventos culturais, promovendo a arte e a representatividade feminina. As *Slammers* femininas têm conquistado cada vez mais visibilidade e reconhecimento, tornando-se uma voz ativa na luta por igualdade de gênero e pela valorização das vozes das mulheres na sociedade.

Entre 2006 e 2018, diversas poetisas uniram forças e formaram coletivos, a fim de

³ Como são chamados os poetisas competidores nas batalhas de *Slam*.



fortalecer a luta conjunta e combater o lugar de subalternidade relegado às mulheres na cena periférica paulista. Desde então, diversas iniciativas tiveram lugar, como a criação de novos saraus comandados por e para mulheres periféricas; o Slam das Minas; o Slam Marginalia; o Sarau das Pretas, entre outros. Além disso, uma série de produções independentes de autoras e de antologias femininas foram publicadas, como *Perifeminas I* (2013) e *II* (2014), *Pretextos de Mulheres Negras* (2013) e *Narrativas Pretas* (2020) (Reis; Araujo, 2021, p. 154).

As primeiras escritoras e *Slammers* marginais enfrentaram um ambiente machista e hostil. O machismo permeava a sociedade como um todo e as mulheres que se aventuravam no campo da literatura e da performance oral, muitas vezes eram desencorajadas ou menosprezadas. Ademais, os espaços culturais e literários eram predominantemente masculinos, limitando o acesso e a visibilidade das mulheres (Reis; Araujo, 2021). Frequentemente, as escritoras e *Slammers* marginais precisavam enfrentar preconceitos e estereótipos, como serem vistas apenas como objetos sexuais ou não serem levadas a sério em suas produções artísticas. Almeida (Pelás [...], 2019), fala sobre o repúdio da presença feminina no próprio espaço que serve de sede dos *Slams* e saraus: o bar. Segundo a poeta:

O bar é um lugar que os homens vão lá, vão beber, vão fazer tudo e as mulheres ficam em casa cozinhando, passando e cuidando dos filhos. Então, quando eu passei a pegar o microfone, desde o primeiro sarau, pedir silêncio, chamar poeta, discutir com alguém que tá lá causando, já causa um impacto. Falam: “heh mulher! não sei o que...! Sai daqui que isso aqui não é espaço seu! (Pelás [...], 2019).

Essas mulheres tiveram que lutar para conquistar seus espaços e ter suas vozes ouvidas. Muitas vezes, elas se uniam para criar coletivos e grupos de apoio nos quais podiam compartilhar suas experiências, incentivar umas às outras e criar eventos e espaços exclusivamente femininos. Essa solidariedade entre as mulheres foi fundamental para enfrentar o machismo e construir uma cena literária mais inclusiva e diversa.

Um dos primeiros grupos de *Slam* feminino em São Paulo foi o *Slam das Minas SP*, que foi fundado em 2016. O *Slam das Minas SP* surgiu como uma iniciativa para dar visibilidade às mulheres na cena do *Slam* e promover a expressão artística feminina. O grupo busca combater o machismo e promover a inclusão de mulheres de diversas identidades, como mulheres negras, indígenas, lésbicas, trans, entre outras. Outro grupo importante é o *Slam das Manas*, que foi fundado em 2017 (Reis; Araujo, 2021).

Este grupo também tem como objetivo fomentar a poesia feminina e dar espaço para mulheres se expressarem através da arte do *Slam*. Ele busca criar um ambiente seguro e acolhedor para que as participantes possam compartilhar suas histórias e experiências. Esses são apenas dois exemplos de grupos de *Slam* feminino em São Paulo, mas a cidade conta com uma cena bastante diversa e ativa, com vários outros coletivos e espaços que promovem a expressão artística feminina e a valorização das vozes das mulheres.

Com o passar do tempo, as escritoras e *Slammers* vem ganhando cada vez mais visibilidade e reconhecimento, mostrando a importância de suas vozes e ampliando o espaço para outras mulheres que desejam se expressar artisticamente. No entanto, ainda há muito trabalho a ser feito para combater o machismo e garantir a igualdade de oportunidades para as escritoras e *Slammers*, tanto na cidade de São Paulo, quanto em outras cidades brasileiras



onde já existem outros coletivos de *Slam* feminino.

O *Slam* é uma competição de poesia oral que tem conquistado cada vez mais espaço no país, e com isso, o cenário do *Slam* feminino também vem se destacando. Alguns dos principais nomes desse movimento incluem: Roberta Estrela D'Alva, considerada a pioneira desse gênero no Brasil, Mel Duarte, Luz Ribeiro, Ryane Leão, Pâmella Amorim, Carol Peixoto, Gessyca Santos, Nina Gabriel, Débora Garcia, Cristal Rocha, entre outras. Essas artistas têm se destacado não apenas nas batalhas de *Slam*, mas também nos palcos e espaços culturais nacionais, utilizando a poesia como forma de expressão e empoderamento das mulheres.

Além dos aspectos já evidenciados acerca das possíveis contribuições do *Slam* para as discussões sobre empoderamento feminino, combate ao machismo e ao racismo, entre outros, é importante destacar as possibilidades de interação social tanto entre participantes como entre participantes e ouvintes/plateia. Quando pensamos no ambiente escolar, essa interação aliada à oportunidade de expressar-se livremente sobre suas vivências e experiências, bem como sobre temas diversos que fazem parte de seus cotidianos, podem contribuir para o fortalecimento do protagonismo dos e das jovens estudantes. Nesse sentido, na próxima seção, procuramos focar a relevância social da Literatura Marginal e, conseqüentemente do *Slam*, para uma educação crítico-reflexiva na escola.

4 A Literatura Marginal para uma educação crítico-reflexiva na escola

Como já foi mencionado anteriormente neste artigo, a Literatura Marginal é um conjunto de produções literárias que surgiram a partir do final da década de 1970, principalmente nas periferias das grandes cidades brasileiras. Segundo Souza (2014), essa literatura se caracteriza por abordar temas como a vida nas comunidades marginalizadas, a violência urbana, o racismo, a desigualdade social, entre outros. Essa produção literária tem se mostrado importante para uma educação crítico-reflexiva por diversos motivos. Em primeiro lugar, porque ela pode possibilitar aos estudantes o contato com realidades diferentes das suas, ampliando sua visão de mundo e permitindo que reflitam sobre questões sociais e políticas que muitas vezes são pouco debatidas nas escolas. Além disso, podemos pensar nessa literatura marginal como um recurso para dar voz a grupos marginalizados, podendo ser uma forma de resistência e luta contra a exclusão social.

Em uma perspectiva educacional, poderíamos pensar na importância da Literatura Marginal para a educação crítico-reflexiva de maneira substancial, já que essas obras oferecem aos alunos uma janela para realidades sociais e culturais muitas vezes negligenciadas pela narrativa convencional. Ao explorar temas como marginalização, desigualdade e resistência, os estudantes são desafiados a questionar as estruturas de poder e a refletir sobre suas próprias posições na sociedade. Além disso, se a inclusão da Literatura Marginal no currículo escolar pode promover a diversidade e a representatividade, garantindo a possibilidade de que todas as vozes fossem ouvidas e valorizadas, ou seja, essas obras não apenas podem enriquecer o conhecimento dos alunos, mas também podem capacitá-los a se tornarem cidadãos críticos e engajados em suas comunidades.

De acordo com Soares (2008), ao trazer à tona histórias e personagens que geralmente são invisibilizados pela sociedade, essa literatura pode contribuir para a formação de uma



consciência crítica por parte dos estudantes, incentivando-os a questionar as estruturas de poder e a buscar a transformação social. Nesse sentido, a autora afirma que “As leituras de textos Marginal-periféricos em sala de aula propiciam um conjunto de apontamentos, reflexões, debates e embates, enfim, uma ação crítica durante e após a leitura literária. (Soares, 2008, p. 114).

Outro aspecto importante da Literatura Marginal, segundo Soares (2008), é sua linguagem e estética próprias. Essa literatura utiliza uma linguagem coloquial, com influências do hip hop, da cultura de rua e das periferias. Essa estética particular permite que os estudantes se identifiquem com as narrativas e se sintam representados, o que é fundamental para um processo de educação crítico-reflexiva.

É importante ressaltar a necessidade de que os estudantes tenham acesso a uma grande diversidade de obras literárias e possam fazer uma leitura crítica a partir de diferentes perspectivas. A educação deve incluir uma variedade de fontes, autores, formas de ver, pensar e sentir o mundo que representem diferentes grupos étnicos, culturais, sociais, econômicos e históricos. Isso enriquece a compreensão dos estudantes sobre a diversidade do mundo. É fundamental contextualizar a literatura marginal dentro de seu contexto social, histórico e cultural. Os estudantes devem ser incentivados a analisar criticamente essas obras, entendendo as questões que elas abordam e como contribuem para a discussão sobre diversidade e inclusão.

O ideal é que a promoção da diversidade e da inclusão não se limite à literatura. Deve ser uma abordagem interdisciplinar que abrange várias áreas do currículo, como história, sociologia, arte, música, entre outras, para fornecer uma compreensão holística da diversidade. Os estudantes devem ser encorajados a participar de discussões construtivas, reflexões críticas e debates sobre questões relacionadas à diversidade e inclusão. O diálogo aberto e o pensamento reflexivo podem ser fundamentais para a transformação social. A educação que valoriza a diversidade precisa incentivar o engajamento dos estudantes com suas próprias comunidades e com grupos marginalizados, promovendo a compreensão e a ação em prol da inclusão e do respeito às diferenças.

A Literatura Marginal é apenas uma parte desse processo e pode contribuir para uma educação que valorize a diversidade, a inclusão e promova a transformação social. Dessa forma, essa literatura pode desempenhar um papel significativo na ampliação das perspectivas dos estudantes e na sensibilização para questões de desigualdade e injustiça, pois é uma ferramenta valiosa para alcançar os objetivos aqui propostos, mas também pensando a partir de um conjunto mais amplo de estratégias e recursos educacionais. A abordagem holística e integrada é fundamental para criar um ambiente educacional que promova esses valores e capacite os estudantes a se tornarem cidadãos engajados e sensíveis.

Sendo assim, pode-se pensar na Literatura Marginal como uma poderosa ferramenta educacional antirracista e antimachista, pois amplia vozes e perspectivas marginalizadas, expondo e desafiando as estruturas de opressão e preconceito. Ao apresentar narrativas e experiências de personagens negros e minorias étnicas, a essa literatura pode promover a empatia, a compreensão e a reflexão crítica sobre as desigualdades raciais e de gênero presentes na sociedade. Além disso, ao explorar temas como identidade, resistência e superação, o contato com esses textos pode ajudar a fortalecer a autoestima e a valorização das culturas e contribuições das comunidades marginalizadas, empoderando-as e incentivando



a luta pela igualdade e justiça social.

Um exemplo de narrativa que pode ser trabalhada em sala de aula e que apresenta os aspectos ressaltados anteriormente é a poesia Coisa de Preto⁴, da *slammer* e *rapper* gaúcha Cristal Rocha, que se destacou no *Slam* no ano de 2017. A jovem escritora e cantora, hoje com vinte e dois anos, também aborda em suas composições as experiências e vivências como uma pessoa negra (e mulher negra) no sul do Brasil:

Coisa de Preto - Cristal Rocha

“Ô, Cristal! Tu só fala de racismo nas linha
” Desculpa, é coisa de preto, tu não entenderia
Ouvi tanto o que não devia, evitando fadiga
Agora entende por que explodo na roda de poesia?
Então vamo pôr na roda o que eles não querem ouvir
Esses tiozão que nos poda antes da gente florir
Se a verdade tem que ser dita, então eu vou repetir
Tô aprendendo agora o que na escola não aprendi
Com Malcolm, Djamila e Muhammad Ali
E EU SOU DO SUL
Mas nem que tu olhe vai pensar que eu sou do Sul
Porque gaúcho é visto com olho azul
Mas a verdade ninguém vê
Histórias mal contadas como num conto de fadas
Mas as farpas da verdade ainda vão te machucar
Essa terra difamada Que eles insistem em idolatrar
Facada na pele, se entregue
Ou vão na frente pra lutar!
“Ah, ô! Que mimimi! Cor de pele não importa.”
Então vai dizer que é coincidência ter tanta gente preta morta?
E quanto à cultura negra que cês tanto menospreza
Nas noite tuas filha paty ouve a batida e se requebra
E os boy acham que o Waack é racista, né?
Mas são o primeiro a debochar quando as preta chegam na pista
Deturpação das mulheres negras
“Os cabelo pingano de creme”
“Ó lá as maloqueira!”
As preta são salientes, meninas brancas, inocentes.
Pele clara boa moça, mas nossa postura é indecente?
Tratando nossas mulheres como experientes
Corpos negros não valem nada até que você experimente

⁴ A poesia falada pode ser consultada na página de [Cristal](#). A poesia escrita, por sua vez, foi consultada em Antônio (2021, p. 69-70).



Nego, roubaram teu amor-proprio, mas ninguém avisou
Eu sei que guarda mágoa de uma cicatriz que não sarou
Mas... “take is easy, meu irmão de cor”!
E se eu te falar que Brother Charles não takeiteasyou?
Que pro meu irmão de cor ainda é foda falar de amor?
Que em meio à luta é difícil esquecer a dor
Consequentemente a mesma dor que Charles cultivou.
Então levanta, nego!
Quem disse que o mundo não é teu
Tu não merecia essa vida, essa vida que te mereceu
Nego, disseram: “Aguenta!”. Mil tretas, enfrenta!
Eles dizem que tu nem tenta.
Levanta a cabeça e sem piedade
Vão senti o peso da tua caneta
E que tentem me abafar!
Eu sou a resiliência!
RESISTÊNCIA que eu demonstro
Então venha e me dê monstros pra enfrentar
E se quiser adjetivos de monstra pode me chamar.
Em três minutos não caberia o que um preto passa na vida
Tô te incomodando?
Tá dando certo!
É pra nossa dor não passar batida
Não adianta, falar de pele já faz parte da minha rotina!
Prazer, da Rocha um Cristal
eu vim tocar na sua ferida.

A poesia "Coisa de Preto", de Cristal Rocha, é uma expressão da literatura marginal e de resistência, abordando temas como racismo, machismo, desigualdade social e a luta da mulher negra no Brasil. A letra se insere no contexto do *Slam*, onde a palavra se torna um grito de resistência contra as estruturas de poder que marginalizam e desvalorizam as populações negras e periféricas. Através de sua poesia, Rocha denuncia as dificuldades enfrentadas pela população negra, especialmente mulheres, em uma sociedade marcada pela discriminação racial e de gênero.

A letra, com suas referências a figuras históricas como Malcolm X, Djamila Ribeiro e Muhammad Ali, expressa uma crítica à forma como a sociedade trata as questões raciais, principalmente a negação da importância da cultura negra e a normalização de estereótipos. Além disso, a autora também reflete sobre a constante desvalorização do corpo negro e da mulher negra, que é tratada com violência tanto física quanto simbólica. O desabafo se transforma em um convite à reflexão e à ação, chamando a atenção para a necessidade de transformar a dor histórica em força para a luta. Nesse contexto, o *Slam* feminino, representado por Cristal Rocha, revela-se uma ferramenta de empoderamento e visibilidade, sendo uma forma de resistência que coloca em pauta temas cruciais para a construção de uma



sociedade mais justa e igualitária.

Considerações Finais

Ao longo deste artigo, exploramos a importância das vozes femininas na Literatura Marginal e como essas autoras têm contribuído para ampliar o debate sobre questões sociais, políticas e culturais relevantes, especialmente no contexto das periferias urbanas brasileiras. Demonstramos como o movimento do *Slam* feminino tem fornecido um espaço crucial para que as mulheres expressem suas experiências e perspectivas, desafiando o machismo e promovendo a transformação social.

Além disso, discutimos a relevância da Literatura Marginal para uma educação crítico-reflexiva, destacando como as obras produzidas por autoras marginais podem ampliar a visão de mundo dos estudantes, incentivando-os a refletir sobre questões sociais e políticas muitas vezes negligenciadas nas escolas. Através da leitura e análise crítica dessas obras, os estudantes podem desenvolver uma consciência crítica e questionar as estruturas de poder existentes, contribuindo para a formação de cidadãos mais engajados e sensíveis às questões sociais.

É fundamental reconhecer o papel da Literatura Marginal como uma ferramenta poderosa para promover a inclusão e a diversidade na educação, proporcionando aos estudantes acesso a uma variedade de vozes e perspectivas que representem a multiplicidade de experiências presentes na sociedade. Nesse sentido, é importante que as escolas incorporem essas obras em seus currículos e incentivem os estudantes a analisá-las criticamente, entendendo seu contexto social, histórico e cultural, além, é claro, do estético e poético.

No entanto, é importante ressaltar que ainda existem desafios significativos a serem enfrentados, especialmente no que diz respeito ao combate ao machismo e à exclusão de mulheres na cena literária e artística. Portanto, é fundamental continuar apoiando e valorizando as vozes femininas na Literatura Marginal, reconhecendo o papel que desempenham na promoção da igualdade de gênero e na construção de uma sociedade melhor.

Em última análise, a Literatura Marginal e o movimento do *Slam* feminino representam uma poderosa ferramenta para promover a educação crítico-reflexiva e propiciar a transformação social. Ao ampliar o debate sobre questões sociais e políticas relevantes e ao oportunizar um espaço para que as vozes marginalizadas sejam ouvidas, essas formas de expressão artística contribuem para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva para todos.

Referências

ALVES, I.; SOUZA, B. O Slam como representação de literatura marginal e manifestação cultural na escola. *Travessias*, Cascavel, v. 14, n. 2, p. 233-250, 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/24819>. Acesso em: 29 nov. 2024.

ANTÔNIO, E. S. **Poesia para ser dita em voz alta: uma proposta de letramento com**



slams de autoria feminina. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS) - Universidade Federal da Paraíba, Mamanguape, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/25783>. Acesso em: 28 nov. 2024.

D'ALVA, R. E. **O jogo de palavra do slam:** poesia, performance e ritmo. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ENTÃO levanta nego! - Poesia por CRISTAL. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (2min50s). Publicado pelo canal Cristal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7cWde7Blwcg>. Acesso em: 28 nov. 2024.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. **Z Cultural**, v. 15, n. 3, p. 1-3, 2020. <https://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>

FERRÉZ, R. **Literatura marginal talentos da escrita periférica.** Rio de Janeiro: Agir, 2005.

NEVES, C. **Literatura Marginal Feminina:** Mulheres Periféricas Quebrando Barreiras. Tese (Mestrado em Literatura), Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2017.

PELAS margens: vozes femininas na literatura periférica. São Paulo: [s. n.], 2019. 1 vídeo (1h5min). Publicado pelo canal Margens. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nHm4cennyw & t=1507s>. Acesso em: 2 dez. 2023.

REIS, M.; ARAUJO, L. **Mulheres do Slam:** vozes femininas na poesia marginal. São Paulo: Editora Parabólica, 2021.

SOARES, L. M. P. **Literatura marginal:** entre a palavra, o papel e a internet. São Paulo: Editora Paulistana, 2008.

SOUZA, J. A. **Literatura marginal:** vozes dissonantes na periferia urbana. Rio de Janeiro: Editora Carioca, 2014.

